

Desvalorização excessiva

Os empresários deveriam estar satisfeitos com o câmbio e preparando-se para uma festa de exportações. Só neste mês, ganham de presente um ajuste cambial estimado, por enquanto, entre 20% e 25%. Em 12 meses, o dólar subiu uns 30% no mercado brasileiro. Mas o real também se desvalorizou em relação a outras moedas de grande importância para o comércio do Brasil, enquanto a inflação interna despencava. Dificilmente se poderia conceber uma combinação de preços mais favorável ao exportador. A desvalorização de janeiro foi na verdade um ganho extra. Não se trata de opinião de inimigo jurado e irreconciliável dos empresários, mas de fato apontado no balanço anual da economia preparado por equipe da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Nos 12 meses até outubro de 1998, segundo o relatório, a taxa efetiva – calculada em relação às moedas dos principais parceiros do País – melhorou 5,8% para os exportadores brasileiros, descontada a variação dos preços industriais. Deflacionada pelo índice de preços ao consumidor, a taxa apresentou um ganho de 7,8%. Mas o ponto mais notável do relatório surge em seguida: “Com os resultados de 1998, a taxa efetiva deflacionada pelos preços industriais retornou, finalmente, aos níveis do primeiro semestre de 1994.” Voltou, portanto, à

posição anterior à valorização ocorrida depois da troca da moeda em julho daquele ano. Esse quadro basicamente se manteve nos últimos dois meses de 1998. Em outras palavras: a sobrevalorização do real, considerando-se a taxa efetiva de câmbio, terminou no ano passado, segundo palavras de técnicos da CNI.

Resultados pouco diferentes podem aparecer com outros cálculos, mas, de modo geral, os especialistas apontam considerável ganho de competitividade, em 1998, graças à política do Banco Central e à evolução das várias moedas nos principais mercados.

De janeiro a novembro, os produtos brasileiros tiveram, graças ao câmbio, “ganho de competitividade de 14,7%, 11,6% e 5,2% com relação aos produtos europeus, japoneses e latino-americanos, respectivamente”, segundo o último boletim da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), uma instituição privada. Em novembro, havia, pela primeira vez desde a valorização pós-real, uma distância de apenas 11% em relação ao nível médio do câmbio nos meses anteriores à mudança da moeda. Mantida a “forte tendência de

desvalorização do real”, a diferença estaria em pouco tempo eliminada.

Os dados da Funcex confirmam, portanto: a maxidesvalorização de janeiro foi um ganho extra, e de notável proporção, para o exportador brasileiro. Que os especuladores continuem causando agitação no mercado financeiro é compreensível: tentam descobrir o limite supostamente traçado pela equipe do Banco Central. Isso nada tem que ver com a questão da competitividade brasileira. É agitação de cassino, apenas isso.

Os exportadores voltarão a mexer-se com maior decisão, segundo se imagina, quando o mercado se acalmar e estiver definida nova paridade cambial. A nova cotação do real será extremamente favorável ao produtor instalado no Brasil, se a ânsia inflacionária dos aproveitadores for contida. Cada ponto adicional de inflação corroerá um pouco do ganho cambial e imporá um custo estúpido à maior parte dos brasileiros.

A maxidesvalorização pode ser uma bênção especial para os produtores brasileiros se for aproveitada com alguma competência por eles. Mas pode também arrefecer a atual ênfase na necessi-

dade de se resolverem os problemas fundamentais do nosso sistema produtivo, resumidos no que se chama de “custo Brasil”.

Durante anos, a política de ajustes freqüentes e generosos disfarçou as ineficiências do sistema tributário, da infra-estrutura e das próprias empresas, funcionando como barreira contra o competidor estrangeiro e subsídio – pago por toda a população – ao empresário instalado no País. Quando a vantagem cambial desapareceu, em 1994, as ineficiências ficaram repentinamente muito claras. O choque da abertura foi amplificado e estimulou a busca de mudanças tanto nas empresas

Durante anos o câmbio generoso disfarçou ineficiências da economia brasileira

quanto na infra-estrutura estatal que as afeta. Isso facilitou, por exemplo, a privatização de serviços públicos. O ganho cambial extra pode ser um perigoso amortecedor de problemas e um desestímulo à busca da competitividade real. Não se trata de um perigo imaginário. Essa experiência é parte da história brasileira e explica, em algum grau, por que o País perdeu espaço no comércio mundial.